

# Sociedade Brasileira de Otologia

Ecos de Uma Vontade Coletiva

Aziz Lasmar  
Robinson Koji Tsuji  
Silvio Caldas Neto

Fundada em 1969, durante um efervescente congresso em Porto Alegre, a Sociedade Brasileira de Otologia (SBO) nasceu do afã de transformar a Otologia em subespecialidade, que, depois, se tornou identidade. Foi um movimento ousado, liderado por nomes como Rudolf Lang, Nicanor Letti e Hélio Hungria, que rompeu o silêncio institucional para inaugurar um espaço próprio de saber, técnica e protagonismo.

A partir de então, a SBO transitou entre autonomia e integração, embates e acordos, sempre movida por uma convicção: ouvir importa – na ciência, na política médica e na vida social. Passou por congressos, campanhas nacionais, disputas com a sociedade-mãe e triunfos marcantes, como o programa

“Quem Ouve Bem Aprende Melhor”, a “Portaria de Implante Coclear”, a disputa pelo “direito à monitorização do nervo facial” e o inovador evento *Four Otology*.

Com 55 anos de história, hoje a SBO é mais que uma entidade científica. É a voz firme e polifônica de gerações de otologistas, que, além de fazerem o mundo ouvir melhor, ensinam o Brasil a escutar sua própria complexidade.

## Fundação da Sociedade Brasileira de Otologia

O XVIII Congresso Brasileiro de Otorrinolaringologia, organizado pela Federação Brasileira de Otorrinolaringologia (FBO), órgão que repre-

sentava, na época, os profissionais de todo o Brasil, realizou-se em Porto Alegre, de 24 a 29 de outubro de 1969. Esse evento se revestiu de aspectos muito especiais. Para abrigar toda a sociedade que então começava a crescer e a se tornar importante no contexto da medicina brasileira, teve de ser realizado no Salão de Atos da Universidade Fede-

ral do Rio Grande do Sul, o único local então capaz de abrigar grandioso número de convencionais. Também, durante sua realização foi fundada a Sociedade Brasileira de Otologia. Rudolf Lang e Nicanor Letti estudavam há algum tempo essa possibilidade e a levaram para debate durante o Congresso.



**Figura1:** Jantar com expoentes da Otologia brasileira: 1) Nelson Caldas, 2) Rudolf Lang, 3) Clemente Isnard Ribeiro de Almeida, 4) Nicanor Letti, 5) Milton Souza Leão.

A FBO mantinha, à época, uma espécie de conselho, formado pelos professores catedráticos da especialidade de todas as faculdades de medicina do Brasil, além de colegas convidados. Reunido durante o Congresso, em assembleia convocada

pelo presidente Cleophanes Meirelles Vieira, esse grupo, em concordância com a proposta gaúcha, decidiu criar a Sociedade Brasileira de Otologia.

Letti se prontificou a escrever os estatutos da nova associação, pro-

curando colocá-los de maneira tal que se adequassem aos da sociedade-mãe, e, em concluindo que nada impedia a convivência de ambas, sugeriu a convocação do Conselho para propor a criação da outra. Obedecendo aos estatutos da Federação, elaborou os da nova entidade, de forma que essa se situasse como uma filiada, no caso, a primeira filiada da FBO, caracterizando-a claramente como uma subespecialidade da Otorrinolaringologia.

A nosso pedido, Nicanor Letti contaria posteriormente:

*Antes do Congresso, conversei muito com o Lang sobre a fundação da SBO, como um braço da Federação. Lang era favorável, mas não queria fazê-lo durante o Congresso. Gostaria só de lançar a ideia. Trabalhei sozinho nela e num determinado dia estava com os estatutos prontos. Dei para o Lang, que os levou para casa e, como era uma grande cabeça e um grande animador, só pediu para consultar seu advogado de confiança. Verificaria a existência de conflitos com os estatutos da ORL. Levou então para o advogado que tratava de seus assuntos particulares. O professor Peter Ashton*

*estudou o assunto, confirmou que os documentos não eram conflitantes e, além disso, participou da reunião do Conselho para dirimir eventuais dúvidas. Ele aparece nas fotos feitas por ocasião daquela reunião.*

*Dias depois me devolveu, aprovando-os, e nos deu a sugestão de colocar em discussão e aprovação na pauta do Conselho da ORL. Mantivemos silêncio, mas eu comuniquei para alguns amigos de São Paulo. O Professor Paulo Mangabeira Albernaz escreveu-me uma carta apoiando e provavelmente contou para o Pedro Luiz. Eu fui encarregado de apresentar a proposta e o Lang encaminharia a votação, pois ele faria parte da mesa presidida pelo Dr. Meirelles.*

Lang era o presidente do Congresso, Letti, o secretário-geral, e Osvaldo Bruno Müller, o 2º secretário. Estavam com “a faca e o queijo na mão” e aproveitaram o momento para divulgar a proposta.

Praticamente todos os professores brasileiros se reuniram naquela assembleia, faltando apenas o Professor José Kós, que, por razões pessoais, não estava em Porto Alegre.

Assim, marcaram presença, entre outros, Paulo Mangabeira Albernaz, Geraldo Sá, Moisés Cuttin, Pedro Luiz Mangabeira Albernaz, Maurício Malavasi Ganança, Rafael da Nova, Victor Tannuri, Nelson Venturini, Sydney Castagno, Pedro Ferraz Vieira, Gilmore Frasseto, Hélio Hungria, Leônidas Mocellin, Ivo Adolpho Kuhl, Ocelo Pinheiro, Otacilio de Carvalho Lopes Filho, além de Rudolf Lang, Nicanor Letti e Cleophanes Meirelles Vieira.

O presidente da Federação, Meirelles Vieira, estava um tanto reticente quanto à organização de uma

entidade filiada e somente se convenceu da necessidade quando Hélio Hungria e Roberto Martinho da Rocha, entusiasmados com a ideia, apresentaram suas opiniões. Acatou a forte argumentação dos professores cariocas e, então, convocou o Conselho para debater o assunto no Congresso. Após alguma discussão, a reunião sacramentou a fundação da Sociedade Brasileira de Otologia e a proposição foi levada para a Assembleia Geral, realizada às 17 horas do dia 29 de outubro de 1969, no Salão de Atos da Universidade; está registrada no Cartório de Registro Especial sob o número 5404.



**Figura 2:** Criação da Sociedade Brasileira de Otologia durante o XVIII Congresso Brasileiro de Otorrinolaringologia, em Porto Alegre, 1969. 1) Paulo Mangabeira Albernaz, 2) Geraldo Sá, 3) Moisés Cuttin, 4) Nicanor Letti, 5) Pedro Luiz Mangabeira Albernaz, 6) Maurício Malavasi Ganança.

Cento e quatro otorrinos assinaram o livro de atas e, agora, revendo aquelas páginas ligeiramente amareladas, descobrimos, entusiasmados, que um dos autores deste livro também figuram naquela relação. Aziz assinou na primeira página, algumas linhas adiante do professor Paulo Mangabeira Albernaz, o primeiro a firmar o documento. Na página seguinte está a identidade de Seligman, autor da primeira edição do livro, o que permite aos autores desta obra considerarem que não estão apenas estão contando, mas que, igualmente, fizeram parte desta história...

A discussão que se seguiu, ao contrário do que se previa, não foi pacífica. Vários oradores se inscreveram para falar, entre os quais Pedro Luiz Mangabeira Albernaz, Roberto Martinho da Rocha, Paulo Mangabeira Albernaz, Moisés Cuttin, Olath Brasil Pereira, Ocelo Pinheiro e Natalino Marcon. A polêmica estava se tornando áspera, evidenciando uma divisão de opiniões – uns apoiando e outros criticando a criação da nova sociedade. A clara possibilidade de um impasse fez com que Lang, usando de um argumento legal, submetesse o grupo à sua vontade. Declarando que a Assembleia havia sido convocada para fundar a SBO e

não para deliberar a respeito, apresentou o estatuto, que foi imediatamente aprovado.

Fundada a sociedade, escolheram sua primeira diretoria, que teve Rudolf Lang como presidente; Hélio Hungria, Nelson Caldas e Pedro Luiz Mangabeira Albernaz, como vice-presidentes; Nicanor Letti, como 1º secretário; Otacílio de Carvalho Lopes Filho, como 2º; Arnaldo Linden, como 1º tesoureiro; e Maurício Malavasi Ganança, como 2º.

Foram escolhidos igualmente os delegados estaduais, cuja relação ficou assim: *Alagoas*: Djalma Gama Breda; *Pernambuco*: Milton Souza Leão; *Guanabara*: Roberto Martinho da Rocha; *São Paulo*: Aroldo Miniti; *Minas Gerais*: Vinícius Cotta Barbosa; *Goiás*: Mário Manoel da Costa; *Brasília*: Vitor Tannuri; *Mato Grosso*: Moisés dos Reis Amaral; *Paraná*: Pólan Duscezak; *Santa Catarina*: Mário Gentil Costa; *Rio Grande do Sul*: Décio Lisboa de Castro; *Pará*: Ronaldo Fonteles de Lima; *Ceará*: Geraldo Pinheiro; *Paraíba*: Ulisses Pinto; e *Amazonas*: Hylace Miranda Braga.

Foi-lhes concedido o direito de estabelecer uma mensalidade e de fazer reuniões periódicas. A primeira providência foi escolherem uma secretária, decisão que recaiu sobre Lady

Macedo, indicada por um cunhado, funcionário da Faculdade de Medicina da UFRGS, e conhecido de Letti.

Dona Lady, conhecida entre os otologistas brasileiros, participou, até se aposentar, de todas as reuniões da especialidade, onde quer que fossem realizadas. Assumiu a secretaria da Sociedade e também a da *Revista Brasileira de Otorrinolaringologia*, pois, naquele congresso ficou decidido que a publicação passaria a ser editada em Porto Alegre. Por onze anos a revista foi feita no Sul, tornando-se nacionalmente conhecida tanto pelo padrão dos trabalhos publicados como pela capa, inicialmente matizada em azul e, posteriormente, em vermelho.

Sem dúvida, a revista deu um salto de qualidade, ainda que carecesse de patrocínios. Havia uma propaganda da APLUB (Associação dos Profissionais Liberais Universitários do Brasil) na contracapa, que Lang conseguiu por fazer parte do conselho daquela entidade, e outra, da própria Livraria do Globo, que também anunciava na revista e fazia um preço especial para publicá-la. Nicanor Letti praticamente se mudaria para a editora, trabalhando para o lançamento de cada edição da revista.



**Figura 3:** Da esquerda para direita: Hélio Hungria (RJ), Rudolf Lang (RGS), Paulo Mangabeira Albernaz (SP), Daniel Lopes (SP), Pedro Luiz Mangabeira Albernaz (SP), Gabriel Porto (SP-Campinas) e José Kós (RJ), durante o Congresso Brasileiro de Otorrinolaringologia. São Paulo, 1971.

A criação da SBO foi o alento que faltava para a entusiasmada explosão científica que, nos anos seguintes, impulsionou a especialidade no Brasil. Inúmeros profissionais se dedicaram a essa área da Otorrinolaringologia e o exemplo foi de tal maneira considerado que outras subespecialidades (atualmente rotuladas *supra*) começaram também a criar organizações que tratassem exclusivamente de enfermidades afins.

Hoje, passados mais de 50 anos daquela memorável jornada, estamos convictos de que a criação da Sociedade Brasileira de Otologia foi o mais importante marco divisório em território brasileiro no estudo das enfermidades relacionadas à audição.



**Figura 4:** Curso durante o XV Congresso Brasileiro de Otorrinolaringologia, São Paulo, 1964. 1) Clemente Ribeiro de Almeida (Jundiaí, SP), 2) Rudolf Lang (PUCRS), 3) Hélio Lessa (UFBA), 4) Lamartine Paiva (FMUSP), 5) Marco Elizabetzki, 6) Aroldo Miniti (FMUSP), 7) Otacílio Lopes Filho (Santa Casa), 8) David Beinisis (EPM), 9) Mario Correa da Fonseca (EPM), 10) Zenshi Heshiki (FMUSP), 11) Moisés Cuttin (Hospital Servidor Estadual de SP), 12) David Austin.

A Sociedade Brasileira de Otorrinolaringologia é considerada a “entidade-mãe” e sob suas asas se aninham associações, comissões e grupos que se dedicam ao estudo de partes da especialidade, que, por suas dimensões, oferece extrema dificuldade para o médico que pretende ser um “generalista” na Otorrinolaringologia.

## Principais realizações e desafios

Após um início marcado pela dissidência, a nova sociedade, pela paixão de seus sócios-fundadores e impulsionada pelo grande *boom* da Otologia ocorrido nas décadas de 1960 e 70, alcançou velocidade de cruzeiro.



**Figura 5:** I Simpósio de Surdez Neurossensorial e Implantes Cocleares. São Paulo, Hospital Israelita Albert Einstein, maio de 1976. 1) Maurício Malavasi Ganança (EPM), 2) Nelson Caldas (Recife), 3) Hélio Lessa (Salvador), 4) Clemente Isnard Ribeiro de Almeida (FMUSP), 5) (Belo Horizonte), 6) Rudolf Lang (Porto Alegre), 7) Mário Correia da Fonseca (EPM), 8) Yotaka Fukuda (EPM), 9) William House (Los Angeles), 10) Pedro Luiz Mangabeira Albernaz (EPM), 11) Paulo Mangabeira Albernaz (EPM), 12) Sergio Ramos (Vitória), 13) Hélio Hungria (Rio de Janeiro), 14) Luc Weckx (EPM), 15) David Beinisis (EPM), 16) Marco Elizabetsky, 17) Braz Nicodemo Filho (Hospital Paulista), 18) Cleone Marra (Goiânia), 19) Hugo Borges de Carvalho, 20) Oscar Cardoso Alves, 21) Arthur Kós, 22) Lídio Granato.

Sobre esse período, Luiz Lavinsky traz a seguinte recordação:

*Em 1973, sob a gestão do Prof. Rudolf Lang, foi organizada uma viagem à Itália para os membros da SBO e seus familiares, com o objetivo de participarem do X Congresso Mundial da IFOS (International Federation*

*of Oto-Rhino-Laryngological Societies), em Veneza. Na ocasião, foi fretado um avião da Varig e, por meio da Abreu Turismo, foi providenciado um tour por toda a Europa para os interessados. Como incentivo para adesão ao projeto, o custo da participação foi expressivamente acessível.*

*Como eu havia recém-terminado residência com o Prof. Tato, em Buenos Aires, e estava prestes a iniciar um fellowship com o Prof. Candela, em Madri, essa viagem facilitou a viabilização da*

*minha meta. Representou uma oportunidade de conagraçamento e enriquecimento científico para otologistas e otorrinolaringologistas em geral, bem como para seus familiares.*



**Figura 6:** Comitiva da Sociedade Brasileira de Otologia na Europa.



**Figura 7:** X Reunião da Sociedade Brasileira de Otologia. Porto Alegre 1993.

Em 1994, a SBO já contava com novecentos sócios em seu quadro associativo, motivando o então presidente, Luiz Lavinsky, a lançar a campanha “Mil Sócios”. Ainda durante sua gestão foi realizado o primeiro Curso de Otologia a distância; as palestras eram transmitidas pela TV Cultura de São Paulo, com sinal direcionado a auditórios da Embratel em todo o Brasil, e otologistas atuavam como monitores.

No final de 1995, durante a 11ª Reunião da Sociedade Brasileira de Otologia, em Belo Horizonte, o Prof. Luiz Lavinsky, prestes a passar adiante o cargo de presidente da SBO, estimulou o debate sobre a relação entre a SBO e a já denominada Sociedade Brasileira de Otorrinolaringologia (SBORL). Aparentemente preocupados com a profusão de eventos na especialidade, que concorriam entre si pelo prestígio internacional e pelos patrocínios, alguns dirigentes da SBORL, à época capitaneada pelo Prof. Paulo Pontes, cogitavam transformar as chamadas *sociedades de supra* (ou *sub*) especialidades em departamentos da futuramente apelidada “sociedade-mãe”. Na época essa ideia não frutificou, porém deixou plantada a semente de uma discussão que se prolongaria por vários anos.

Por esse tempo, a bem-sucedida história da SBO e seus eventos havia

recentemente servido de inspiração para a criação da jovem Sociedade Brasileira de Rinologia (SBR) e para a, mais jovem ainda, Sociedade Brasileira de Laringologia e Voz (SBLV). A fundação dessas novas entidades parece ter acendido um sinal amarelo na SBORL, que, com muita propriedade, argumentava que só ela poderia representar oficialmente os otorrinolaringologistas e defender seus interesses profissionais; portanto, quanto mais forte a SBORL, melhor para todos os especialistas.

Como essa força dependia – como quase tudo depende – de recursos financeiros, a disputa por sócios e por patrocínios começava a repercutir negativamente nessa missão. Já era esperada a resistência da maioria dos sócios da SBO, da SBR e da SBLV à ideia de as tornar departamentos da sociedade-mãe. Os otorrinolaringologistas, apesar de reconhecerem a importância da SBORL para seus interesses, costumam ter afinidade toda especial com as sociedades que mais estritamente representam suas supraespecialidades.

Surgiu então a ideia de se incluir as supras na estrutura da SBORL, que havia já iniciado um processo visivelmente irreversível de profissionalização, estabelecendo sede em São Paulo, com espaço e corpo de funcio-

nários maiores, enquanto as supras continuavam a funcionar de forma totalmente amadora, sem sede fixa, em consultório dos próprios presidentes da Sociedade. A proposta foi a de um convênio, determinando, entre outros fatores, que:

1. As supras funcionariam na sede da SBORL, dispondo, para isso, do seu corpo de funcionários.
2. As anuidades seriam unificadas em um único boleto, sendo destinado um valor determinado para cada uma das quatro sociedades.
3. O quadro de sócios seria compartilhado; portanto, quem era sócio de uma sociedade passava a ser, igualmente, das demais.
4. Os eventos das supras, que até então eram realizados de forma independente nos anos ímpares, alternando com o Congresso Brasileiro de ORL, realizado apenas nos anos pares, passariam a ser promovidos em mesma época e local. O novo evento teria o nome de Congresso Triológico de Otorrinolaringologia e a organização executiva concentrada na

SBORL, ficando as supras responsáveis pela definição dos programas científicos.

5. O lucro do Triológico seria, então, repartido entre as quatro sociedades.

A ideia vingou e o convênio foi assinado três anos depois, durante o 34º Congresso Brasileiro de Otorrinolaringologia, em Porto Alegre, ocasião em que o Prof. Ricardo Bento era o presidente da SBO. A proposta da SBORL era baratear custos para patrocinadores e associados, além de aumentar seu número de associados e trazer para ela parte do lucro que as supras tinham com seus bem-sucedidos eventos. Como se veria adiante, o convênio evidenciava não resultar tão favorável quanto se esperava para a sociedade-mãe.

O primeiro Triológico foi realizado em São Paulo, em 1999. O programa impresso deixava claro que o evento reunia, na verdade, três eventos – a 13ª Reunião da Sociedade Brasileira de Otologia, o 8º Congresso Brasileiro de Rinologia e o 5º Congresso Brasileiro de Laringologia e Voz –, muito embora o certificado de participação, apesar do protesto de alguns, tratava os eventos das supras como “módulos” do Triológico. Em compensação, essa edição rendeu um bom lucro

para a SBO, assim como a anuidade, que, embora mais barata que antes do convênio, era proveniente de um número muito maior de sócios (todos os sócios originais da SBORL).

A gestão do Prof. Ricardo Ferreira Bento (1996-1999) foi marcada pela realização da maior ação da SBO de todos os tempos: o programa “Quem Ouve Bem Aprende Melhor”, do Ministério da Educação, com a colaboração do Ministério da Saúde, em que todas as crianças que ingressavam no Ensino Fundamental de escolas públicas brasileiras passavam por uma triagem auditiva. A campanha consistia em enviar para escola um kit por meio do qual a professora fazia uma triagem auditiva e, a partir do resultado, as crianças eram encaminhadas para uma avaliação otorrinolaringológica e fonoaudiológica.

Dr. Robinson Koji Tsuji trabalhou como voluntário nessa campanha e apresenta a seguinte recordação:

*Eu era médico residente e me ofereci para ser voluntário. De-*

*pois do expediente nos reuníamos do QG da campanha para organizar mutirões nos locais onde não havia equipe para realizar os exames. Geralmente era uma equipe composta de dois otorrinolaringologistas e duas fonoaudiólogas. Levávamos o material para exame otorrinolaringológico na mala, mais dois audiômetros portáteis.*

*Fizemos campanha em praticamente todos os estados do Brasil, principalmente no Norte e no Nordeste. Em cada cidade eram atendidas centenas de crianças que não passavam no teste feito pela professora. O atendimento era feito em escolas, ginásios esportivos e até no bumbódromo de Parintins, no Amazonas. No final, constatamos que a principal causa de falha na triagem era a rolha de cerume. Foram milhares de lavagens de ouvido realizadas. Alguns dias chegava a encher um balde!*



Figura 8: Campanha “Quem Ouve Bem Aprende Melhor”.

Outra iniciativa de extrema importância foi a criação da Portaria de Implante Coclear, que introduziu o procedimento no Sistema Único de Saúde (SUS), tendo a atuação decisiva do Prof. Ricardo Ferreira Bento, em nome da Sociedade Brasileira de Otologia.

Dr. Humberto Guimarães, que ocupou o posto de presidente da SBO por dois mandatos consecutivos, organizou a parte de Otologia dos Triológicos de Goiânia (2001) e do Rio de Janeiro (2003). O de 2001 mais uma vez avolumou sobremaneira os cofres da SBO e, até hoje, sua gestão é reconhecida por haver possibilitado à Sociedade um lastro financeiro destacado. Foram também marca de sua gestão os cursos itinerantes,

que levavam a SBO ao encontro de otologistas país afora.

Em 2003 já se percebia uma clara mudança de atitude por parte dos integrantes da SBORL com relação às supras. Em primeiro lugar, o nome dos eventos que promoviam já não mais figuravam no programa oficial do Triológico. Em segundo, contrariando o acordo inicial, a sociedade-mãe – aqui e acolá apelidada de “madrasta” por alguns –, que controlava toda a parte administrativa e financeira do congresso, “confiscou” a parte que correspondia às supras no lucro do evento.

Havia uma razão para isso: não era, de fato, muito justo que as supras não tivessem qualquer despesa e ficassem

simplesmente encorpando seus cofres (principalmente a SBO) enquanto a SBORL, que investia grande esforço e recursos em profissionalização e estruturação, em assuntos de defesa profissional, de ensino e treinamento, de título de especialista e tantas outras ações dirigidas a todos os otorrinolaringologistas, fossem eles oto, rino ou laringologistas, ficasse no “Ora, veja...”. Era necessário rever o acordo, pois começava a faltar dinheiro para essas ações que eram de suma importância para todos.

Ainda em 2003, houve uma antológica disputa durante o Triológico do Rio de Janeiro. O Prof. Sady Selaimen da Costa foi eleito presidente da SBO. Na época, a SBORL era presidida pelo Prof. José Victor Maniglia e já era insustentável o descontentamento da sociedade-mãe com relação à concorrência das supras. Além de “confiscar” o lucro do Triológico, a SBORL decidiu que, a partir de 2004, cancelaria os repasses também de suas anuidades. E mais: ela fazia agora pressão sobre as supras para que transferissem todo seu saldo em conta corrente para os cofres da SBORL, saldo este que, alegadamente, teria sido avultado com base na benevolência materna.

É célebre a reunião em que o Prof. Sady resistiu a essa pressão e, cria-

tivo e eloquente, saiu com uma frase impublicável a respeito de certa festa à fantasia, a qual deixou sem argumentos os integrantes da SBORL, ou com aquela que depois proferiria em tom firme e grave: “Não serei eu a tocar o réquiem da Sociedade Brasileira de Otologia!”.

Estávamos mesmo caminhando para a morte, pois já não tínhamos mais um corpo bem definido de sócios (nossos sócios eram os sócios da SBORL) e sequer tínhamos um evento científico (o Triológico havia nos fagocitado). Uma morte perfeitamente evitável, afinal, a SBO desfrutava então de uma situação financeira confortável, que lhe dava a condição de, no limite, partir para voos solos. Também, não só apresentava um bom saldo bancário, como detinha um patrimônio muito maior: seus robustos patrocinadores.

Ao mesmo tempo em que havia “presenteado” os laboratórios farmacêuticos com a lei dos medicamentos genéricos (Lei nº 9.787, de 10 de fevereiro de 1999), o governo federal havia favorecido as empresas de próteses auditivas e de implantes por meio do Programa de Atenção à Saúde Auditiva, com sua profusão de APACs (Autorização de Procedimentos de Alta Complexidade/Custo) e de portarias ministeriais.

Os eventos da SBO estavam, assim, definitivamente garantidos – bastava querermos –, tanto que, em 2005, o Prof. Sady realizou o primeiro *Four Otology* (nome criado por Silvio Caldas Neto, à época 1º tesoureiro da SBO), evento em sala única e de cunho eminentemente científico, reunindo representantes de quatro grandes escolas de Otol-

gia do mundo. Aconteceu no primeiro semestre, já que o Triológico era realizado no segundo, e, nesse ano, ocorreria em São Paulo. O sucesso foi estrondoso. Ficava claro que, se existiam otologistas interessados em promover eventos e patrocinadores dispostos a bancá-los, era inútil a SBORL querer, por decreto, neutralizar essa força.



Figura 9: Primeiro *Four Otology*, sob a presidência do Prof. Sady Selaimen, 2005.

A gestão do Prof. Sady também foi marcada pela realização de duas grandes iniciativas: a “Primeira Campanha Nacional de Saúde Auditiva (CNSA-SBO)” e a “Campanha Nacional de Prevenção a Quedas na Terceira Idade”. Sobre a primeira, ele apresenta o seguinte relato:

*Esta campanha era uma iniciativa oficial e exclusiva da SBO sem nenhum fim lucrativo e que tinha, como objetivo geral, levar informações com credibilidade à população brasileira em relação ao profundo impacto pessoal, social e profissional causado pelas deficiências auditivas. Como não dispúnhamos de recursos para comprar espaços na mídia,*

*fizemos uma parceria inédita com as indústrias de aparelhos auditivos (extremamente interessadas no sucesso da campanha) que se cotizavam para pagar uma agência de publicidade, que, por sua vez, tinha o papel de plantar nossas mensagens nos órgãos de comunicação...*

*A campanha gerou uma avalanche de notícias fazendo das questões relativas à audição (ou à falta dela) uma pauta recorrente nos veículos de comunicação. Nossos serviços de clipping identificaram, somente no primeiro ano, mais de 600 reportagens e entrevistas na mídia impressa e eletrônica!”*



Figura 10: Campanhas realizadas pela SBO.

Na gestão seguinte, o Prof. Luiz Carlos Alves de Souza, o “Alemão”, manteve essa tônica durante sua gestão como presidente da SBO, entre 2005 e 2007 – ano em que foi realizado o último Congresso Triológico, em Brasília.

Nesse período, presidia a sociedade-mãe o Prof. Richard Voegels. Foi uma época de “trégua” entre as supras e a agora denominada Associação Brasileira de Otorrinolaringologia e Cirurgia Cérvico-Facial (ABORL-CCF).



**Figura 11:** Assembleia Geral Extraordinária, de 19 de janeiro de 2006, com todos os ex-presidentes da SBO. Da esquerda para direita, em pé: Luiz Carlos Alves de Sousa, Sady Selaimen, Humberto A. Guimarães, Ricardo Ferreira Bento, Luiz Lavinsky, Hélio Andrade Lessa, Aroldo Miniti. Sentados: Nelson Caldas, Roberto Martinho da Rocha, Otacílio Lopes Filho, Pedro Luiz Mangabeira Albarnaz. Em foto no painel, à direita, Rudolf Lang.



**Figura 12:** Curso itinerante da SBO, então sob a gestão de Luiz Carlos Souza.

Em 2007 foi eleito presidente da SBO o Prof. Oswaldo Laércio Mendonça Cruz, cuja gestão foi marcada por duas ações de enorme destaque: o segundo *Four Otology*, em 2008, no mesmo formato e de igual suces-

so do primeiro, e o “*Tour pela Audição*” – uma ampliação da campanha criada pelo “Alemão”, apresentando um modelo gigante de ouvido inflável, que ficou exposto para visita pública e obteve impressionante impacto na mídia. Mais uma vez a SBO inovava e deixava um grande legado para as afins, tendo sido o embrião da hoje conhecida campanha “*Caminhos da Otorrinolaringologia*”, que viaja o Brasil inteiro com suas estruturas infláveis. Outra iniciativa que marcou sua gestão foi a volta das discussões a respeito da relação entre supras e SBORL. Começava, então, a tomar corpo uma nova ideia de convênio entre as sociedades.

As discussões eram lideradas pelo Prof. Ricardo Ferreira Bento, agora presidente da ABORL-CCF. A ideia foi extensamente discutida, tanto em reuniões oficiais quanto em conversas informais, entre todas as lideranças das diversas áreas. Na SBO, o Prof. Laércio conduzia os debates com muita propriedade. A ABORL-CCF havia decidido não realizar o Triológico em 2009 em função do Congresso Mundial de Otorrinolaringologia que seria realizado, naquele ano, em São Paulo. Mais que isso: havia decidido descontinuar definitivamente o Triológico, passando, a partir de 2010, a realizar anualmente (e não mais bienalmente) o Congresso Brasileiro de Otorrinolaringologia e Cirurgia Cérvico-Facial (CBOCCF).

A ABORL-CCF tencionava estabelecer um acordo em que as supras sacrificassem mais de suas atividades em troca da utilização de toda a sua estrutura administrativa, que agora já exibia um altíssimo grau de profissionalização. Após diversos debates, redigiu-se um termo de convênio que estabelecia resumidamente o seguinte:

1. A SBO continuava a dispor gratuitamente de toda a estrutura física e administrativa da ABORL-CCF;

2. Em troca, a SBO não poderia realizar eventos separados da ABORL-CCF;
3. A SBO, nos anos ímpares, realizaria um evento pré-congresso durante o CBO-CCF, pelo o que receberia 70% do lucro;
4. O convênio nesses termos teria duração de quatro anos.

Na prática, a ideia era fazer as supras funcionarem por um período de quatro anos como se fossem departamentos, tal qual uma fase de experiência, e que, ao final, deveriam optar entre continuar nessa condição ou, então, alçar voo próprio.

Em 2009, durante o Congresso Mundial, Dr. Silvio Caldas Neto foi eleito presidente da SBO; entretanto, quando, em março de 2010, foi assinado *ad referendum* o novo convênio, já havia acabado de organizar o terceiro *Four Otology*. Ele apresenta o seguinte relato dos acontecimentos:

*Na verdade, antecipando os dilemas que surgiriam no decorrer dos quatro anos seguintes, fiz questão de aproveitar a ocasião para resgatar a identidade da SBO, perdida desde o primeiro Triológico, quando a*

*nossa reunião tinha sido rebaixada à condição de “módulo”. O evento foi denominado “14ª Reunião da Sociedade Brasileira de Otologia – Four Otology 2010”.*

*O formato foi um pouco diferente, mantendo a sala única e quatro convidados estrangeiros, mas dando muito mais espaços para palestrantes nacionais. Assim como nas edições anteriores, o sucesso foi grande desta vez, não tanto de público, pois tivemos menos inscritos do que em 2005 e 2008. Porém, ao contrário dos outros, superou as nossas expectativas em termos financeiros”.*

Em 2010, durante o 40º CBOCCF, em Natal, a Assembleia Geral Ordinária

da SBO decidiu, por unanimidade, referendar a assinatura do convênio. Outra ação de resgate da nossa identidade foi tentar redefinir o quadro associativo, perdido desde o ano 2000, por ocasião do primeiro convênio. Foi restabelecida a própria anuidade, quase simbólica. Em 2011, como era ano do pré-Congresso de Otologia, novamente o realizamos com o nome de Reunião da Sociedade Brasileira de Otologia, a 15ª, que também proporcionou um pequeno lucro financeiro para a SBO.

Em 2014, sob a presidência do Paulo Roberto Lazarini foi promovido o último *Four Otology*, em Salvador. Como era ano de Copa do Mundo da Fifa, os convidados internacionais foram presenteados com uma camiseta do Brasil, tendo nelas seus nomes gravados.



**Figura 13:** *Four Otology*, Salvador, 2014. Da esquerda para a direita: Thomaz Lenarz, Jaime Hernandez Uribe, Paulo Lazarini, Bruce Gantz e Vincent Darrouzet.

Ainda na gestão de Paulo Lazarini, em parceria com a Fundação Proteste Brasil, a SBO realizou estudos sobre o impacto da exposição a sons intensos por uso abusivo de fones de ouvido e celulares entre adolescentes. Também, estudo sobre exposi-

ção da população durante o uso de transportes coletivos, como ônibus, metrô, balsa Rio-Niterói e outros, e, ainda, exposição a ruídos durante a Copa do Mundo da Fifa no Brasil. Houve, em decorrência, grande exposição desses resultados na mídia.



Figura 14: Reportagens com participação da SBO, 2014.

Em 2016, sob a gestão de Dr. Ricardo Testa e Dr. Sady na presidência da ABORL-CFF, se realizou o primeiro *Combined Meeting*, ocasião em que foi criado o Prêmio Rudolf Lang para médicos de expressão na Otolgia brasileira. *Combined Meeting* é a combinação de três supraespecialidades num único evento. Desse modo, o *Four Otolgy* passou a ser realizado juntamente com o *Combined Meeting*, porém totalmente reconfigurado em relação às suas características originais. O nome *Four Otolgy* continua presente no material de divulgação, muito mais pela força que representa essa marca.



Figura 15: III Combined Meeting + Four Otolgy, São Paulo. Da direita para a esquerda: Paulo Lazarini, Marcelo Tepedino, Luiz Carlos Alves de Sousa, Shiro Tomita, Marcelo Tepedino Junior e Carlos Eduardo Resende.

Entre 2018 e 2019, a gestão de Rubens de Brito foi marcada pela consolidação da parceria entre a SBO

e a ABORL-CCF. Definitivamente a SBO se tornava uma “supra” da entidade-mãe, porém mantendo relativa independência. À SBO caberia a elaboração do programa do *Combined Meeting* e do CBOCCF.

No ano de 2020, Edson Mitre assumiu a presidência da SBO em face de uma crise sanitária de proporção mundial, a da pandemia de Covid-19, o que causou grandes limitações para a realização de eventos presenciais. A SBO contribuiu para o enfrentamento da crise com a publicação de um manual de orientações quanto a cirurgias e procedimentos otológicos durante esse advento, contemplando todos os cuidados necessários em atendimentos e em cirurgias otológicas.

Também se iniciou a discussão, por iniciativa de Robinson Koji Tsuji, acer-

ca da necessidade de formação de médicos otorrinos para a realização de monitorização intraoperatória de nervos cranianos – tema que visou facilitar para os profissionais a rotina cirúrgica otológica. Assim, Edson Mitre organizou um notável curso para certificação em monitorização neurofisiológica intraoperatória.

Nos anos seguintes, a gestão de Arthur Menino Castilho foi marcada por expressiva produção científica, com a publicação de diversos livros e manuais, além dos chamados *Task Force* – artigos de revisão sistemática sobre temas relevantes produzidos com a participação de grande número de otologistas de diversas regiões do país. Retomou ainda os cursos itinerantes, agora denominados *SBO on the Road*.



Figura 16: Publicações realizadas durante a gestão de Arthur Menino Castilho.

Em 2024, assumiu a presidência Robinson Koji Tsuji. Logo no início de seu mandato houve a fundação da Academia Brasileira de Otoneurologia (ABON), que suscitou amplo debate entre os otologistas, pois havia a preocupação de que isso representasse uma dissidência que enfraqueceria a própria SBO. Sobre este período, Dr. Koji apresenta o seguinte relato:

A notícia da criação da ABON trouxe grande apreensão por parte dos otologistas, havendo grupos dentro da SBO contrários à criação desta nova academia, uma vez que entendiam que o conhecimento da Otoneurologia é essencial para todo o otologista e, portanto, são indissociáveis. Após a consulta aos ex-presidentes e à minha diretoria, decidi não me opor à fundação dessa nova academia, já que era desejo de um grupo considerável de colegas, e por entender que a formação de uma nova academia em nada afetaria a Otologia, que continuaria tratando dos temas e assuntos otoneurológicos dentro de nossa sociedade.

*Também entendia que o conhecimento otoneurológico, assim como todas as áreas da medicina, havia crescido muito, com novos exames e novas abordagens terapêuticas, e uma*

*academia com o nome “otoneurologia”, formada por otorinos, só reforçaria a atuação do otorrinolaringologista nessa área. Minha única preocupação era a de que não houvesse qualquer tipo de iniciativa que criasse uma subespecialidade ou área de atuação que limitasse a atuação do otorrinolaringologista em geral.*

*Assim, em carta endereçada ao presidente da ABORL-CCF, Dr. Fabrício Romano, manifestei essa preocupação e solicitei que a recém-criada academia não limitasse a filiação dos otologistas. Inclusive, incentivei que os otologistas se associassem à ABON. Em ligação ao primeiro presidente da ABON, Marcio Salmito manifestei o compromisso de trabalhar em harmonia e cooperação.*

No ano de 2024 foi promovida, em colaboração com a IWGEES, (International Working Group on Endoscopic Ear Surgery), o Congresso Mundial de Cirurgia Endoscópica do Ouvido dentro do *Combined Meeting*, em Campinas. O evento contou com a participação de mais de 50 palestrantes estrangeiros e foi um enorme sucesso de público e crítica, com a presença de mais de 800 participantes.



**Figura 17:** Diretoria do IWGEES e coordenadores do Congresso Mundial de Cirurgia Endoscópica de Ouvido (2024). Da esquerda para a direita: Sung Won Chae, In Seok Moon e Jong Woo Chung (Coreia do Sul); Alejandro Rivas (Colômbia/EUA); Arun Iyer (Reino Unido); Mohamed Badr-El-Dine (Egito); Daniele Marchioni (Itália); Rogério Hamerschmid, Robinson Koji Tsuji, João Flávio Nogueira e Arthur Menino Castilho (Brasil); Mustafa Kapadia (Emirados Árabes) e Felipe Félix (Brasil).

Sob essa presidência conseguimos o que o Dr. Koji classifica como a mais importante conquista recente da Otolgia dentro do Conselho Federal de Medicina (CFM): a monitorização intraoperatória de pares cranianos. No ano de 2024 havia dois conselheiros que eram otorrinolaringologistas – Adriano Sérgio, da Paraíba, e Tatiana Giustina, do Rio Grande do Sul –, o que tornava o momento propício para corrigir uma resolução do CFM, que gerava uma “reserva de mercado” para os neurologistas. Sobre esse período, Dr. Koji faz o seguinte relato:

*Havia uma resolução do CFM que determinava que a monitorização intraoperatória era ato privativo do médico, inclusive permitia que o otorrinolaringologista fizesse o procedimento, mas trazia dois jabutis: impedia que o médico cirurgião também fizesse a monitorização e exigia que o diretor técnico de empresa de serviço de monitorização tivesse título de especialista em monitorização eletrofisiológica.*

*Em se tratando de cirurgias otológicas, existem aparelhos de monitorização que são automáticos, com alertas sonoros, desenha-*

*dos para que o próprio cirurgião faça a monitorização. A exigência de diretor técnico neurofisiologista criava uma inadequada relação de subordinação. Se o otorrino tem capacidade técnica para fazer o exame, por que não pode ser diretor técnico?*

*Isso evidenciava flagrante reserva de mercado. Assim, graças à atuação dos conselheiros sob orientação da SBO, foi redigida uma nova resolução, a CFM nº 2383/2024. Acredito que seja a mais relevante conquista dos otologistas nos últimos anos.*

No ano de 2025 foram criadas as reuniões regionais da Otologia, tendo como regiões contempladas o Nor-

deste, sob a presidência de Edson Bastos e Fabio Alencar da Bahia, e a Região Pantaneira, sob organização de Nicolai Leventi, do Mato Grosso, e Luciano Silveira, do Mato Grosso do Sul. São reuniões desenhadas para um número menor de médicos, focando no otologista, com assuntos mais avançados e em sala única, como nas antigas reuniões da SBO. Esses eventos geraram significativo lucro.

Finalmente, no 55º Congresso Brasileiro de Otorrinolaringologia e Cirurgia Cérvico-Facial no ano de 2025, que ocorrerá em São Paulo, haverá o lançamento deste livro, *História da Otologia e da Sociedade Brasileira de Otologia*, juntamente com uma exposição de imagens que ilustram a trajetória desta instituição.



**Figura 18:** Reuniões regionais da Sociedade Brasileira de Otologia em 2025. À esquerda, Edson Bastos (Bahia), Silvio Caldas (Pernambuco) e Robinson Koji Tsuji (São Paulo).

Em seus 55 anos de história, a Otologia mostra estar sempre na vanguarda da medicina nacional, com iniciativas importantes

e prestando relevantes serviços aos médicos otorrinolaringologistas do Brasil e à população brasileira.